

Plataforma de pesquisa Arquitetura e Biosfera

Orientação: Prof. Dr. Luis Octavio de Faria e Silva¹

Pesquisadores: Julia Gouvea, Paula Mattos, Lara Freitas, Elisa Rocha e Alicia Soares

Pesquisa: Edital Plataformas de Pesquisa, Escola da Cidade, 2020-2023

A Plataforma Arquitetura e Biosfera¹ é uma instância de pesquisa ativista acolhida pela Associação Escola da Cidade, cujo objetivo é promover um espaço de pesquisa-ação com viés socioecológico, que abriga reflexões, projetos e ações em que a perspectiva regenerativa se coloca como prerrogativa, tanto referentes a áreas densamente ocupadas na metrópole e em suas brechas ou bordas, quanto a áreas periurbanas e rurais.

Os primeiros movimentos da plataforma remontam ao ano de 2015, quando um grupo de estudantes e educadores do curso de pós-graduação *lato sensu* Habitação e Cidade acolheu a demanda de ajudar a pensar uma horta para a Ocupação São João, na avenida paulistana de mesmo nome, a partir da interação com os movimentos por moradia ligados à Frente de Luta por Moradia (FLM), que se tornaram frequentes interlocutores e, através deles, com coletivos e ONGs que passaram a se constituir como parcerias.

Na virada de 2015 para 2016, surgiu outra demanda de horta, desta vez na Ocupação Cambridge, na Avenida 9 de Julho, em outro antigo hotel no centro paulistano.

Essas demandas de hortas foram portas de entrada para se pensar em melhorias gerais nos edifícios nos quais eram implantadas e também em estruturas de apoio para comunidades associadas aos movimentos sociais – estruturas relacionadas ao cuidado com as águas, com os resíduos (entendidos como recursos), com a questão energética, com a perspectiva de produção de alimentos, aprofundada pelos permacultores que passaram a fazer parte do grupo.

Em 2016, com apoio financeiro do Instituto Mahle, foram realizados pelo grupo da plataforma (então chamada

habita-cidade) os jardins filtrantes da Escola da Cidade, um deles no pátio do pavimento térreo, cuja ambição era de se obter água potável com a fitodepuração das águas das chuvas. Tanto a construção dos jardins como seu manejo foram dinâmicas com viés pedagógico e de experimentação.

O primeiro curso livre realizado no âmbito da plataforma foi "Arquitetura na Permacultura", com uma primeira edição em 2016 e outra em 2017, com aulas teóricas e vivências nos finais de semana, com ações relacionadas a parceiros como a Fund. Campo Cidade (FCC), em Ibiúna-SP, as hortas mantidas pela Pastoral de Jandira, município da Grande São Paulo, e o Centro de Recuperação de Adictos Lapidar, em Atibaia-SP. No curso, foram utilizados os jardins filtrantes da Escola da Cidade como espaço de vivência e investigação. Esses jardins, então chamados de laboratórios verdes, também foram base para ações e vivências em disciplinas eletivas propostas no âmbito da plataforma entre 2018 e 2019, nas quais houve reflexão e práticas relacionadas ao manejo das águas, à sustentabilidade e à perspectiva da regeneração.

Em 2018, atuantes na plataforma participaram da movimentação de apoio às ocupações de edifícios em São Paulo, em função dos desdobramentos da queda do edifício Wilton Paes de Almeida em maio daquele ano. Dessa participação resultou a adesão ao grupo encabeçado pela Assessoria Técnica Peabiru Trabalhos Comunitários e Ambientais, junto ao qual participantes da Plataforma trabalharam no desenvolvimento de propostas para a Ocupação Rio Branco.

Em 2019, no âmbito da plataforma surgiram questões relacionadas à perspectiva de ecobairros, planejamento



FIG. 1 E 2:
Manejo dos jardins filtrantes em 2018 (eletivas Manejo das Águas & Edifício Sustentável). Fonte: Foto de Luis Octavio de Faria e Silva/Acervo Plataforma Arquitetura e Biosfera.



FIG. 3 E 4:
Ações junto a instituições das quais a plataforma foi parceira. Da esquerda para a direita: manejo de horta em creche de Jandira e construção de canteiro "cesta" em Ibiúna. Fonte: Foto de Luis Octavio de Faria e Silva/Acervo Plataforma Arquitetura e Biosfera.

local e o fomento de políticas públicas, que resultou em um novo grupo.

Nos grupos aglutinados na plataforma, em função de demandas e intenções específicas, está a gênese dos Grupos de Trabalho e Pesquisa (GTP), maneira como se consolidou a denominação dos grupos em operação, que compõem ações e pesquisa científica. Parcerias importantes ocorreram e ocorrem em alguns desses GTP: lanchonete.org, KTH, Sítio Saíras (nos primeiros anos), ONG Rizomar (desde 2022), entre outros.

No período da pandemia da Covid-19, a Plataforma habita-cidade foi renomeada de Plataforma Arquitetura e Biosfera, com os seguintes GTP em atividade: Lupa/ Modos de Habitar, Marajó, Arquiteturas Tradicionais, Ecobairros para comunidades regenerativas, Universo dos Saberes, Observatório do Xingu e, depois de algum tempo, o GTP Ambiente Escola.

O GTP Habitar Rural passou a operar no final de 2022. O GTP Biolab estava em transição para ser apoio ao EMAU BASE, escritório modelo dos estudantes da Escola da Cidade. Os textos a seguir se dedicam a relatos referentes a alguns desses GTP.

No ano de 2023, os esforços dos participantes da Plataforma Arquitetura e Biosfera estiveram muito voltados para ações relacionadas a três projetos acolhidos através de editais pelo CAU-SP. Dois projetos ligados ao que se denominou Habitar Rural (que se estabeleceu como um novo GTP) e outro projeto referente a uma Residência em Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (Athis), tendo a Favela do Haiti, na Vila Prudente, como área de trabalho. Neste projeto esteve envolvido o GTP Lupa, que opera de maneira complementar ao curso de pós-graduação Habitação e Cidade.

PERSPECTIVAS REGENERATIVAS PARA A RELAÇÃO CIDADE/ NATUREZA NA CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA"

Julia Gouvea

A Sessão Livre organizada pela Plataforma Arquitetura e Biosfera no Enanparq 2022, chamada "Perspectivas regenerativas para a relação cidade/natureza na condição contemporânea", serviu de balanço no que se refere às suas bases teóricas. Na sessão foram apresentadas

reflexões sobre as perspectivas de regeneração e reinvenção de relações entre cidade e natureza, a partir de atividades e projetos nos quais está envolvida a Plataforma, em que pesquisa e ação/ativismos são vistos como instrumentos complementares na busca por caminhos propositivos em prol da regeneração de biomas, ecossistemas e das relações entre os seres, bem como da inserção desses caminhos na produção e transformação do espaço e do meio ambiente na atualidade (Silva; Gouvêa, 2022, p.201).

A sessão apresentou trabalhos que de diversas maneiras refletem a relação cidade/natureza e trazem vislumbres de caminhos e resistências na perspectiva de uma desejada regeneração do planeta. Nesse conjunto apresentado é perceptível o trânsito de escalas que as pesquisas realizam e absorvem, envolvendo a necessária abrangência e interdependência que a abordagem ambiental requer, indo das questões

locais, passando pelo regional, ao global, como processos intimamente relacionados.

O Trabalho 1, "Pelo fim da dicotomia Natureza-Cidade", apresentado por Tânia Knapp e Luis Octavio de Faria e Silva, traz conceituações e discussões sobre uma dicotomia epistêmica entre natureza e cidade, que tem dificultado muitas das reflexões e ações com potencial regenerativo. A expectativa é que, a partir de uma revisão de princípios, as ações possam ser sintonizadas com a busca por uma outra forma de relação entre os seres.

Na sequência, o Trabalho 2, "Cidade Floresta", apresentado por Anna Dietzsch e Clarissa Morgenroth, traz a perspectiva de uma cidade em que a relação com os ciclos naturais acontece em harmonia dinâmica. São apresentados conceitos básicos e trabalhos acadêmicos em que se busca praticar princípios relacionados à ideia de "cidade floresta".

O Trabalho 3, "Gentrificação verde e capitalização da Natureza", apresentado por José Guilherme Schutzer e José Otávio Lotufo, traz reflexão sobre o uso do discurso ambiental na atual fase da produção do espaço urbano na perspectiva neoliberal, que fragmenta o potencial ecológico e social das cidades em projetos de requalificação de bairros ou regiões específicas. A concentração de capital local e financeiro internacional nos megaprojetos de revitalização "ambiental" e de mudança de usos urbanos têm reverberado em mais segregação social e gentrificação. A diferença em relação ao passado é que agora esses processos são patrocinados pelo Estado, como política

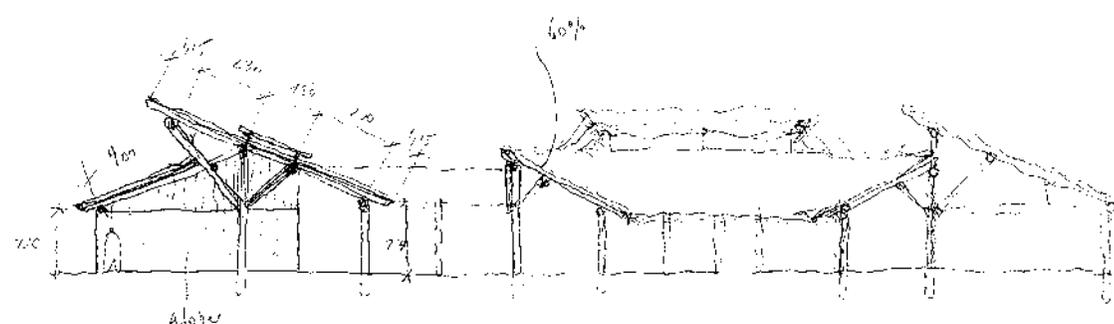


FIG. 5:
Corte de estudos para a Escola Kuikuru, TIX. Fonte: Desenho de Luis Octavio de Faria e Silva/Acervo Plataforma Arquitetura e Biosfera.

de governo local, e embalados pelo discurso da sustentabilidade ambiental, o que tem impulsionado diversas linhas de estudos sobre o caráter da gentrificação atual, também denominada de gentrificação verde.

O Trabalho 4, "Ecobairros e Ecovilas: por uma interação harmoniosa entre os seres humanos e a (sua) natureza", apresentado por Lara Freitas e Elisa Rocha, traz a perspectiva de outras formas de habitar na nossa casa comum – o nosso planeta Terra – perceptível tanto em grupos de pessoas que se organizam para viver em uma prática de vida compartilhada, frequentemente com bens compartilhados, em uma perspectiva ecológica, com a intenção de regeneração de ecossistemas e biomas do planeta, como também na perspectiva de engajamento no âmbito dos bairros citadinos, em prol da regeneração das relações no que se refere à regeneração da relação entre todos os seres, e, sendo assim, orientam-se em uma perspectiva socioecológica.

Por último, o Trabalho 5, "Encontro de Saberes e o desenho da paisagem pelos tupinambás do sul da Bahia", apresentado por Julia Gouvea e Leandro Souza, traz uma experiência de desenho da paisagem em que saberes tradicionais e saberes científicos presentes na academia se aproximam e conversam entre si. Nesse sentido, pode ser vista como potencial exemplo de caminho regenerativo, com ensinamentos que trazem reflexões quanto ao desafio face à crise socioambiental que vivemos.

Entende-se que ao refletir sobre a possibilidade de culturas regenerativas, os trabalhos apresentados na Sessão Livre pelos pesquisadores vinculados à plataforma e parceiros "são perspectivas que podem nos ajudar a encontrar um modo regenerativo de ser humano em profunda intimidade, reciprocidade e comunhão com a vida como um todo, tornando-nos co-criadores conscientes da 'nova história' da humanidade" (Wahl, 2019, p.60).

GTP ARQUITETURA TRADICIONAIS

Paula Mattos

O GTP Arquiteturas Tradicionais se iniciou a partir da oficina realizada para a participação na produção do "Manual da Arquitetura Kamayurá",² em função de convite feito pela comunidade da aldeia de Ipawu, no TIX (Território Indígena do Xingu) para que se fizesse uma contribuição ao processo de recenseamento em andamento entre os Kamayurá quanto à forma tradicional de construir, cujos saberes se quer preservar, sobretudo para os mais jovens (a oficina e a vivência ocorreram entre abril e julho de 2019). A partir dessa primeira ação, o GTP se dedicou a alguns de seus desdobramentos – proposta de revisão e ampliação do "Manual", apresentações, artigos etc. Durante o apoio à realização do "Manual da Arquitetura Kamayurá", foram produzidos, de forma compartilhada, desenhos, levantamentos e empreendeu-se a captação de imagens e áudios. Dessa experiência outras ações e reflexões emergiram, incluindo propostas de exposição do material resultante. Em desenvolvimento semelhante, outra realização ocorreu por parte do GTP em São Paulo, por envolvimento com os Guarani Mbyá da TI Tenondé Porã, em que se registrou e sistematizou as construções da casa de reza (*opy*) e da casa Guarani. As experiências também apoiaram a formulação da disciplina eletiva "Cidade Floresta" na Escola da Cidade. O GTP Arquiteturas Tradicionais está entre os formadores da nova Associação Casa Floresta, que segue com a agenda adotada pelo grupo inicial. Em apoio a essa nova associação, o GTP tem trabalhado como braço acadêmico para a viabilização de oficinas como aquela prevista para colaborar no "Manual da Arquitetura Yudjá", tendo como referência o "Manual da Arquitetura Kamayurá". Houve a tentativa de se iniciar o processo de produção desse manual com estudantes da Vivência Externa da Escola da Cidade, mas, em função de uma situação de luto na Aldeia Tuba-Tuba, onde vivem os Yudjá, houve a necessidade de postergar a iniciativa. O GTP foi apoio na recomposição da Aldeia Ipawu e em estudos para a escola Kuikuro, etnia que também vive no TIX (trabalho em parceria com o EMAU BASE),

em uma movimentação que aconteceu organicamente a partir da procura por parte do povo Kuikuro, da Aldeia Ipatse, quando solicitaram um projeto para a reforma da escola na aldeia, que foi feito em parceria com alunas e ex-alunas da Escola da Cidade.

Posteriormente, a Associação Casa Floresta foi convidada pela ONG Kanindé Sócio-ambiental para projetar o Centro Cultural e de Mídia Jupaú, do povo Uru-eu-wau-wau, em Rondônia, na Amazônia. Esse projeto foi o primeiro a ser consolidado e construído pela associação, e vem concorrendo a premiações de arquitetura de interesse social, em plataformas como Archdaily e "Revista Projeto".

Há diálogos em andamento com órgãos em regiões de todo o Brasil, como Ibama, ISA, Funai e ONG WRI Brasil. Com esse último, existe uma parceria em trâmite para o desenho do Centro Comunitário para o Residencial Edgar Gayoso (MCMV), em Teresina, no Piauí, como parte do projeto Alianças para Transformação Urbana: alianças que unem comunidades afetadas e representantes de diversos setores da sociedade para criar soluções inovadoras e sustentáveis de forma participativa, multisetorial e inclusiva.

No mais, o grupo segue apoiando solicitações feitas por diversas comunidades indígenas que agora necessitam de construções com mais durabilidade e menos manutenção, mas que sejam sensíveis a conceitos e à estética que façam parte de suas visões de mundo. A Associação Casa Floresta tem elaborado propostas para casas de reza, casas de cura, escolas indígenas, centros culturais etc., através de convites de várias lideranças, como por exemplo, a pajé Mapulu Kamayurá e Watatakalu Yawalapiti do MMTIX.

Todas as ações do GTP e da associação visam a preservação e recuperação de florestas, a construção de novas delas, edifícios e cidades com baixa pegada de carbono, o fortalecimento de culturas tradicionais indígenas e de comunidades marginalizadas. Transformar o processo de urbanização extensiva em um processo de naturalização extensiva com ações baseadas na natureza, que unem os saberes tradicionais com a tecnologia moderna.

O grupo funciona como uma espécie de laboratório de pesquisa aplicada. A partir do conhecimento adquirido nas vivências e trocas com povos indígenas, funciona como um apoio para elaboração de projetos arquitetônicos de cunho socioambiental para comunidades tradicionais – especialmente indígenas – e também para comunidades em situação de vulnerabilidade social, sempre buscando modos de construir e desenhar com soluções baseadas na natureza.

GTP ECOBAIRROS PARA COMUNIDADES REGENERATIVAS

Lara Freitas e Elisa Rocha

Em maio de 2019, com a realização, no âmbito da plataforma, do Simpósio Arquitetura e Desafios Ambientais,³ na Câmara dos Vereadores de São Paulo, em parceria com Gabinete do Vereador Eliseu Gabriel, e a ambientação do evento Lixo Zero, surgiu o GTP Ecobairros, em uma aproximação com o Programa Permanente Ecobairro.

O GTP Ecobairros propõe uma interação prática e experimental entre academia, ativistas e poder público para a construção de instrumentos de fomento e consolidação de bairros e comunidades regenerativas. Para sua formulação, o grupo parte das dinâmicas participativas, de seus espaços, olhares e percepções, como tônica permanente de envolvimento e construção de coesão das pessoas, em sintonia com ciclos naturais. A perspectiva é contribuir na formulação de políticas públicas que fomentem transformações de dinâmicas que resultem em ecobairros, bairros inspirados em ecovilas – laboratórios de regeneração –, nas cidades. Entre as ações do grupo, destaca-se o apoio à realização da Semana Ecobairro, desde 2021.

No âmbito do GTP Ecobairros tem se consolidado a participação no Laboratório de Soluções Baseadas na Natureza (LAB SbN), uma instância pluri-institucional de pesquisa e observação de transformações recentes na infraestrutura paulistana, com a perspectiva de se tornar uma referência para consultas quanto às soluções baseadas na natureza, aglutinadas pela ideia de redesenho ecossistêmico. O laboratório trabalha em parceria com a Secretaria do Verde e Meio Ambiente do Município de São Paulo (SVMA), com a FMU e a Universidade São Judas Tadeu (USJT).

ATIVIDADES DO GTP PERÍODO 2020-23

- 1 – Conversas temáticas: Eduardo Jorge, Marly Pedra, Guilherme Schutzer, Gui Castagna, Helena Magozo, Heliana Mettig, Simone Gatti;
- 2 – Contribuições para o “Manual de Desenho Urbano e Obras Viárias da PMSP” (2020);
- 3 – Draft Projeto de Lei para fomentar/facilitar ecobairros;
- 4 – Sessão livre Enanparq 2021. FREITAS, L. ; SILVA, Luis Octavio P. L. de Faria e.

Enfermeir@s do mundo antigo e partear@s de um mundo novo: instrumentos facilitadores de caminhos no sentido de Ecobairros para comunidades regenerativas. Anais VI Enanparq, 2021. v.1. p. 357-359;

- 5 – Curso livre junto ao curso Habitação e Cidade: “Bairros como escala para planejamento e co-gestão: Planos de bairros e Ecobairros para comunidades regenerativas” (2021) com Liza Andrade PPG-FAU/UnB. Com participação de Grupo Periférico: Abordagem socioecológica e experiências junto a bairros nos arredores de Brasília e estudos quanto ao desenho ecológico dos espaços urbanos; Carla Silva: Fundadora do projeto de inovação social Ecobarrio Villa Santa Elena e Experiências de Ecobairro no Chile; Fabiana Tock e Andreliessa Ruiz: Fund. Tide Setubal: Experiências quanto ao Plano do bairro Jd Lapenna, em prol do desenvolvimento de periferias urbanas de São Paulo;
- 6 – LOTUFO, J. O. ; FREITAS, L. ; SILVA, Luis Octavio Pereira Lopes de Faria e ; GALHEGO, M. ; ROCHA, E. ; RAMOS, M. . O Plano de Bairro como processo regenerativo para comunidades urbanas: - contribuições do movimento Ecobairro. *In*: FÓRUM SP 21, 2022, São Paulo. FÓRUM SP 21 Avaliação do Plano Diretor e da Política Urbana de São Paulo - <https://sites.usp.br/forumsp21/>, 2022
- 7 – Artigo: FREITAS, Lara; ANDRADE, Liza. Abordagem socioecológica como base para a escala local e do bairro. *arq.urb*, dez. 2021.
- 8 – PL Semana Ecobairro (protocolo dia 27/11/2020). Proposta apresentada na Câmara dos Vereadores de São Paulo, com o objetivo de divulgar a perspectiva de Ecobairros e acessar recursos públicos para facilitar processos relacionados;
- 9 – Sessão livre Enanparq 2022 “Planos de Bairro: Convergência Socioecológica no Planejamento e Cogestão da Escala Local”, coordenação de Heliana F. Mettig Rocha e Lara C. B. Freitas, com as apresentações: A Experiência do Plano de Bairro da Vila Cauhy no Distrito Federal: potencialidades para a co-gestão da agenda territorial e da convergência socioecológica (Liza M. S. Andrade, PPG-FAU/UnB; Pedro E. C. Barbosa, FAET/UFMT); Monitoramento popular da transformação da paisagem periférica em Fortaleza e Belém (Ana Cláudia D. Cardoso, PPGAU/UFPA); Clarissa F. Sampaio Freitas, PPGAU+D/UF; Roteiro para planejar a cidade de proximidade –

aprendizagens para Portugal a partir de experiências internacionais (José Carlos Batista da Mota, Universidade de Aveiro); Forma segue o Fluxo: soluções em harmonia dinâmica com os ciclos naturais na escala do bairro (José Otávio Lotufo, Escola da Cidade/Plataforma Arquitetura e Biosfera); Luis Octavio P. L. de Faria e Silva Escola da Cidade/PGAUR-USJT; Planejamento e Cogestão na Escala Local: aspectos legais e mecanismos existentes e ausentes: o caso do município de São Paulo (Elisa R. Rocha, Escola da Cidade/Plataforma Arquitetura e Biosfera); Marcos Galhego, Escola da Cidade/Plataforma Arquitetura e Biosfera. 10 – Apresentação "Circuito Urbano". Aprendizados e avanços da Pesquisa-ativista sobre Ecobairros, out. 2022.



FIG. 6: Material produzido para o conjunto proposto da Aldeia Zabelê. Fonte: Acervo pessoal de Marina Gaia.

GTP UNIVERSO DOS SABERES

Alicia Soares

GTP que serve de apoio para a Comunidade Indígena Tupinambá Lagoa do Mabaça (BA), trabalhou em uma região que conta com 60 hectares de Área de Proteção Ambiental, com matas de restinga e manguezais. Trata-se de uma das 23 Comunidades tupinambá, espalhadas pelos municípios baianos de Ilhéus, Una e Buerarema, em que a maior parte de terras são de retomada ou estão em processo de demarcação, com conflitos, tensão e violência.

A dinâmica de trabalho do GTP se deu por uma articulação entre a ação de um projetar racional crítico demandado no mundo contemporâneo e o resgate do modo de fazer vivido em pele e experienciado na prática, ou seja, deixando evidenciar as oportunidades que surgem dos encontros, possibilidades que permeiam a subjetividade do lugar.

Ao longo desse processo buscou-se apoiar e empreender investigações propositivas participativas a partir do zoneamento ambiental permacultural, com pesquisas

experimentais e acadêmicas, estudos e oficinas para reformas e construções, em conjunto com a comunidade, visando promover produção de alimentos e autonomia local.

Os processos construtivos e de saberes trazidos à tona no âmbito das investigações propositivas se dão em ampla troca entre seres humanos e não humanos que ocupam um mesmo espaço.

Nesse sentido, a metodologia de projeto para uma escola (chamada pela liderança tupinambá Yakuy de Escola Filosófica dos Povos Originários) que se pretende consolidar naquele território consiste em não somente desenhar um ambiente que, depois de construído, passe a funcionar. A escola já se dá no processo, no "enquanto": enquanto é construída, a forma como se faz movimentada a educação e aprendizagem já ativada, abrindo espaço para a incorporação do resultado das trocas realizadas.

Essa é a proposta metodológica no Apoio Arquitetura Zabelê, grupo tupinambá no qual o GTP somou no desenvolvimento do projeto para a Aldeia Zabelê, conjunto que se articula

com a referida Escola Filosófica e edifícios de apoio a atividades de extrativismo local, no território da Lagoa do Mabaça. Deu-se a preparação de material gráfico, orçamento preliminar, vivências em campo, arrecadação de recursos e aproximação de potenciais financiadores, contando com interações contínuas entre os construtores locais e membros da comunidade tupinambá envolvidos.

ATIVIDADES 2020-23

- 1 – Projeto para Aldeia Zabelê, em Una, BA, desde 2019, e para o conjunto da Escola Filosófica dos Povos Originários, desde 2021. As instalações da Aldeia Zabelê e a Escola de Filosofia dos Povos Originários são parte do Projeto Útero Amotara Zabelê, projeto desenvolvido junto com construtores e comunidade Tupinambá do território da lagoa do Mabaça, Una, BA, desde 2019;
- 2 – Participação em aula de Componente Curricular UFSB. Apresentação de ações da Plataforma Arquitetura e Biosfera e comentários sobre trabalhos desenvolvidos;
- 3 – Parceria no Projeto Mãos à Obra Zabelê. Projeto Aprovado no Edital 001/2021 da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFSB;
- 4 – Artigo no EuroELECS 2021 (trabalho código 181): SILVA, Luis Octavio P. L. de Faria e; DE GOUVEA, Julia Carvalho Dias; TUPINAMBÁ, Yakuy; TUPINAMBÁ, Potyratê. MÃOS À OBRA ZABELÊ – PROJETO PARTICIPATIVO PARA UMA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL E RESILIENTE. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO E EUROPEU SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS, 4., 2021. *Anais [...]. [S. l.], 2021.*
- 5 – Apresentação "Relato sobre oficinas participativas, junto à comunidade Tupinambá da Lagoa do Mabaça, para a construção de espaço de integração dos saberes: princípios e considerações a partir da leitura de Paulo Freire – Projeto Mãos à Obra Zabelê", na mesa "Convergência Socioecológica em Paulo Freire: a realidade-ambiente concreta e cotidiana do tecido social e a teia do mundo natural", Semana Universitária UnB 100 anos de Paulo Freire, 18 out. 2021;
- 6 – Vivência externa como estagiária do projeto Mãos à Obra Zabelê – Sabrina Carvalho Dias Montesanti (aluna EC);
- 7 – Oficinas com construtores e comunidade Tupinambá no território da Lagoa do Mabaça, Una, BA;

- 8 – GOUVEA, Julia Carvalho Dias de; SILVA, Luis Octavio P. L. de F. e; MONTESANTI, Sabrina C. D.; SOUZA, Leandro Ricardo dos Santos; OLIVEIRA, Angelica Macedo; SANTOS, Averaldo R.; TUPINAMBÁ, Potyratê; AMARAL, Jaziel M.; RODRIGUES, Bruno Ozawa. Reflexões sobre a implementação de protótipo de tecnologia sustentável na I Oficina Participativa – Projeto Mãos à obra Zabelê, n. 25.
- 9 – Exposição na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, 2022, intitulada "Materiais e Tempos revisitados na Paisagem Tupinambá".



FIG. 7: Exposição do projeto da Aldeia Zabelê, na Bienal de Arquitetura de São Paulo, 2022. Fonte: Foto de Luis Octavio de Faria e Silva/Acervo Plataforma Arquitetura e Biosfera.



FIG. 8: Vivência organizada no território pelo coletivo Floresta-Cidade, na qual esteve envolvido o GTP, em janeiro de 2024. Fonte: Foto de Alicia Soares/Acervo Plataforma Arquitetura e Biosfera

NOTAS

1. Nesse período participaram da plataforma: Alicia Soares, Amanda Venturelli, Anália Amorim, Anna Dietzsch, Annick Matalon, Beatrice Padovan, Bia Goulart, Carolina Klocker, Camila Hoffer, Clara Morgenroth, Cora Rocha, Eduardo Amaral, Elisa Rocha, Fabio P. dos Santos, Franci Woo, Giulio Michelino, Guilherme Trevizani, Jananda Lima, José Guilherme Schutzer, José Otávio Lotufo, Julia Dantas, Julia Gouvea, Lara Freitas, Luis Octavio de Faria e Silva, Marcela Lileshvari, Marcella Arruda, Marcos Galhego, Maria Teresa Fedeli, Marina Gaia, Maurício Ramos, Nayane Alves, Noelia Monteiro, Paulla Mattos, Pedro Norberto, Rafael Abelini, Raphael Amaral, Rita Buoro, Ruben Otero, Sabrina Carvalho Dias, Tânia Knapp, Thiago Costa, Valdemir Rosa e Vinicius Cossovan.

2. Disponível em: <https://arquiteturabiosfera.escoladacidade.edu.br/>.

3. Disponível em: <https://arquiteturabiosfera.escoladacidade.edu.br/modosdehabitar/2020/10/26/manual-de-arquitetura-kamayura/>.

4. Ver: <https://arquiteturabiosfera.escoladacidade.edu.br/blog/simposio-arquitetura-e-desafios-ambientais/>. Resultou do Simpósio o "Manifesto por uma agenda socioambiental". Disponível em: <https://arquiteturabiosfera.escoladacidade.edu.br/blog/manifesto-por-uma-agenda-socioambiental/>.

REFERÊNCIAS

SILVA, Luis Octavio de Faria e; GOUVÊA, Julia Carvalho Dias de. **Perspectivas Regenerativas para a relação Cidade/Natureza na Condição Contemporânea/ resumo expandido de Sessão Livre**. In: Enanparq VII, 2022. São Carlos: Anais Enanparq 2022/ USP, 2022. p.199-219 Disponível em: https://drive.google.com/file/d/15oW7xF-4kW_oWd-jiPtmMKcpLgxFttPD/view.

WAHL, Daniel Christian. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2019.

Plataforma de Pesquisa Agenciamentos Territoriais Contemporâneos

Orientadores: Prof. Dr. Pedro M. R. Sales (coord.), Prof. Ms. Pedro Vada e Profa. Dra. Carolina Heldt D'Almeida

Pesquisadores: Amanda Silber Bleich, Nara Albiero e Isabela Ferreira

Pesquisa: Edital Plataformas de Pesquisa, Escola da Cidade, 2020-23

A Plataforma Agenciamentos Territoriais Contemporâneos tem como seu eixo central de investigação a interação entre os fluxos da mobilidade urbana e os sistemas de espaços livres, explorando como esses elementos podem influenciar-se mutuamente gerando novas disposições e configurações urbanas e potencializando a multiplicidade de usos e experiências coletivas da cidade, que transcende a estrita funcionalidade convencional. O objetivo central tem sido mapear situações críticas de concentração e intensidade, a fim de entender as disposições, configurações e usos coletivos que emergem no território metropolitano contemporâneo de São Paulo. Além de mapear as situações críticas, a plataforma também teve como objetivo verificar a pertinência e compatibilidade teórica e prática do método. O processo das pesquisas elaboradas na plataforma foi organizado, principalmente, a partir de dados de natureza geoespacial e da hipótese de que determinados lugares podem servir como referência à multiplicidade da vida coletiva contemporânea, sendo o foco aqueles que estão localizados em pontos de interseção de fluxos transescalares e espaços menos formalizados e/ou codificados, os "espaços lisos" de Deleuze e Guattari.

A pesquisa mote da plataforma se baseou na teoria de "Mil Platôs" de Deleuze e Guattari, com ênfase no conceito de agenciamento. Em uma perspectiva urbanística, o conceito de agenciamento destacou a noção de interface, transição e passagem que permitiu a compreensão dos deslocamentos urbanos e a multiplicidade de eventos, levando à ideia de "bacias de vida" como expressão preliminar desse conjunto.

Tal indagação baseia-se na noção de territorialidade, que abrange a forma de

habitar e dar significado ao tempo e espaço de um local específico. Além disso, faz uso da prática da cartografia como uma ferramenta experimental, mais geográfica do que histórica, para cruzar e sobrepor diversas linhas e linhagens técnicas e expressivas heterogêneas, sempre em interação com o plano coletivo em constante evolução das forças ou dinâmicas motrizes, com o objetivo de capturar as operações e qualidades espaço-temporais resultantes ou pressupostas nos territórios urbanos em análise.

DESENVOLVIMENTO DA PLATAFORMA

Desde outubro de 2020, a Plataforma Agenciamentos Territoriais Contemporâneos tem operado com base em duas lógicas principais: a estrutura acadêmica que a sustenta, representada pelo programa de pesquisa do Conselho Científico; e a orientação como modalidade de trabalho coletivo. No entanto, ao longo do tempo, ficou evidente que o desenvolvimento das atividades da plataforma resultou em um descompasso crescente em relação às regras institucionalmente consolidadas, como as estabelecidas por órgãos de fomento, pesquisa regular, temática e de doutorado.

Isso ocorreu devido à natureza intrinsecamente diversificada da plataforma, que associa atividades de pesquisa prática com aquelas voltadas para a formação, como disciplinas na graduação e pós-graduação e atividades de extensão, que atende demandas específicas contingentes e localizadas. Essa característica peculiar é o que distingue e identifica o trabalho realizado na plataforma, e de fato, a reflexividade